



BOAS PRÁTICAS

O eco de antigas palavras

Pesquisadores e revistas discutem limites para que autores possam reaproveitar trechos de seus trabalhos anteriores em novos artigos

E stá longe de alcançar um consenso o debate sobre os limites éticos da reciclagem de texto, que é o reaproveitamento em um manuscrito científico de trechos de trabalhos anteriores do mesmo autor. O recurso, detectável facilmente por softwares que apontam similaridade textual, é classificado frequentemente como “autoplágio”, uma variante atenuada do plágio. Mas há movimentos para lidar com essa prática de forma mais flexível, mesmo que em circunstâncias bem específicas. Um editorial publicado em março na revista *Nature Human Behaviour* abordou a reciclagem sob um prisma tolerante, encorajando seu uso, por exemplo, na apresentação de metodologias que sejam idênticas às que já foram descritas em experimentos prévios do pesquisador.

Segundo a revista, o importante é tratar uma eventual reutilização de forma transparente, deixando claro para o leitor que há trechos copiados e incluindo os artigos inspiradores nas referências do novo trabalho. Salvo na transcrição da metodologia, contudo, o reaproveitamento é “muito menos desejável ou justificado”, de acordo com o editorial: “Como editores, às vezes encontramos *papers* nos quais partes consideráveis da intro-

dução, dos resultados ou das seções de discussão são copiadas palavra por palavra de publicações anteriores do mesmo autor ou autores. Leitores e editores esperam originalidade nessas seções”.

Para além das preocupações éticas, um estudo que repete o que já está escrito em outro dificilmente resultará em algo surpreendente e, na experiência dos editores, é comum que o fragmento replicado não faça nenhuma diferença e funcione apenas como uma muleta. “Reutilizar trechos padronizados fora da seção de métodos não é apenas problemático, mas também pode obscurecer o ponto específico que você está tentando enfatizar em um artigo e reduzir sua clareza e impacto. Se você sempre escreve o mesmo parágrafo em todos os seus trabalhos, vale a pena considerar se esse parágrafo realmente precisa estar presente em alguns deles”, sustentam os editores da revista.

A ideia de que existem modos apropriados de reutilizar textos científicos não é nova e vem sendo explorada, nos últimos anos, por um projeto sediado na Universidade Duke, nos Estados Unidos, com financiamento da National Science Foundation (NSF), principal agência norte-americana de apoio à ciência básica. Os responsáveis pela iniciativa, denominada Projeto de Pesquisa sobre Reciclagem de Textos, publicaram em 2023 um estudo na revista *Bioscience* em que enumeram equívocos frequentes na discussão sobre o reaproveitamento. De acordo com eles, não é certo afirmar que o recurso é necessariamente antiético, pois várias revistas aceitam manuscritos com trechos reciclados – isso quando o réus se restringe a poucas frases ou a seções meramente descritivas e quando os autores não escondem que o fragmento é copiado de trabalhos prévios.

Da mesma forma, eles consideram errado usar o termo “autoplágio”. “A reciclagem de texto não se apropria da propriedade intelectual de terceiros nem os priva do crédito pelo seu esforço”, informa o *paper*. “O plágio nunca é ético.” Afirmando, ainda, que a prática não é rara – comumente pesquisadores resgatam trechos escritos para pôsteres ou anais de conferências sobre seus experimentos na hora de produzir artigos a respeito de seus resultados.

“O maior desafio envolvendo a reciclagem de texto provavelmente é a falta de normas consistentes”, disse Cary Moskovitz, professor do Programa de Escrita Científica da Universidade Duke e coordenador do projeto, em um seminário promovido pelo Instituto Nacional de Ciências da Saúde Ambiental dos Estados Unidos. Ele observou que as práticas aceitas variam entre os campos do conhecimento. Em um estudo publicado por seu grupo em 2020 na revista *Learned*

Publishing, foram entrevistados 21 editores de periódicos de diferentes disciplinas e apenas três afirmaram não tolerar nenhum tipo de reaproveitamento. Os outros 18 informaram que, a depender do contexto e da quantidade de trechos reutilizados, não se incomodam.

Em uma tentativa de estabelecer normas, o projeto lançou um guia de boas práticas sobre reciclagem de textos científicos. Segundo o documento, a reprodução de trechos já publicados pelo próprio autor é até recomendada em seções de um artigo em que “a consistência da linguagem for necessária para uma comunicação precisa”, como a descrição de métodos e de instrumentos. Quando os excertos copiados são muito extensos, é preciso avaliar se isso não infringe regras do periódico em que o novo *paper* será publicado e consultar o editor. Se o pesquisador compartilhar os direitos autorais de artigos prévios com os periódicos que os publicaram, é indispensável pedir autorização a essas revistas para a reprodução. Outra recomendação é anexar ao trabalho uma declaração notificando os leitores de que há material reciclado. Cumpridas tais exigências, diz Moskovitz, a reprodução pode ser feita de forma ética e segura. “A boa ciência se materializa quando os pesquisadores se baseiam lenta e metodicamente não apenas em estudos de outras pessoas, mas também em seus próprios trabalhos anteriores. Se dissermos aos autores para não reaproveitarem textos porque há algo inerentemente indigno de confiança ou enganoso nesse procedimento, isso vai causar problemas para a ciência”, afirmou.

As diretrizes do projeto vêm sendo utilizadas por editores de periódicos – o próprio editorial da *Nature Human Behaviour* as menciona –, mas dificilmente pacificarão o assunto na comunidade científica. “É amplamente compreendido que cada manuscrito publicado incluirá novos conhecimentos e resultados que avançam nossa compreensão do mundo. Quando o seu manuscrito contém informações recicladas, você contraria a suposição tácita de que está apresentando descobertas inteiramente novas”, escreveram os biólogos norte-americanos Ben Mudrak e Kimberly Yasutis, no artigo de opinião “Autoplágio: Como defini-lo e por que você deve evitá-lo”. O texto foi publicado no site da empresa norte-americana para a qual os dois colaboram, a American Journal Experts (AJE), vinculada ao grupo Springer Nature, que presta serviços para autores que não têm o inglês como língua nativa na edição, tradução e revisão de artigos. Mudrak e Yasutis sugerem um truque simples para evitar a tentação de reutilizar textos: na hora de escrever o próximo artigo, deve-se abrir um arquivo novo em vez de partir de um rascunho com algo que já foi divulgado. ■

Fabício Marques

Editores de revista de linguística renunciam e fundam novo periódico

Os editores da *Syntax*, uma revista acadêmica da área de linguística, renunciaram a seus cargos em março em protesto contra mudanças impostas pela editora Wiley, que publica o título há 26 anos. Em uma carta aberta, os linguistas Klaus Abels, do University College London, na Inglaterra, e Suzanne Flynn, do Instituto Tecnológico de Massachusetts, nos Estados Unidos, afirmaram que a permanência deles ficou insustentável depois que a Wiley, para cortar custos, atribuiu as tarefas de edição de texto a uma equipe de produção sem conhecimento especializado em linguística. Segundo eles, esse time não está apto a lidar de forma confiável com caracteres em línguas estrangeiras ou diagramas sobre estruturas de sentenças, entre outras particularidades, o que poderia comprometer o rigor e a qualidade da revista. Abels estava à

frente da *Syntax* desde 2013 e Flynn foi uma de suas fundadoras.

Na carta aberta, os dois editores anunciaram a fundação de um novo periódico, batizado provisoriamente de *Syntactic Theory and Research*, que pretende dar sequência à tradição da *Syntax* e seguirá o modelo de acesso aberto diamante, em que nem os autores pagam taxas de publicação nem os leitores têm qualquer custo para acessar os artigos. A revista será mantida pela Open Library of Humanities, uma editora sem fins lucrativos, e terá como base o trabalho voluntário e colaborativo de linguistas.

Só neste ano, cinco outras publicações enfrentaram renúncias de seus editores. No ano passado foram 12 casos, de acordo com monitoramento feito pelo site Retraction Watch. O consultor Michael Clarke, da empresa Clarke & Esposito, sediada em Washington, nos Estados

Unidos, disse à revista *Nature* que muitas dessas demissões são respostas a mudanças no modelo de gestão promovidas pelas empresas de comunicação científica e expressam o desejo de comunidades acadêmicas de manter o controle sobre as decisões editoriais. De acordo com Ivan Oransky, fundador do Retraction Watch, a frequência de renúncias é reveladora da tensão entre os interesses das editoras e dos responsáveis pela qualidade dos periódicos. “De um lado estão as editoras – a maioria delas com fins lucrativos –, que buscam crescimento constante porque é isso que seus acionistas esperam. E do outro há os pesquisadores, que se preocupam com a qualidade e defendem uma avaliação feita com tempo e profundidade”, afirmou à *Nature*. A Wiley afirmou que continuará a investir na *Syntax* e negou que as mudanças possam comprometer a qualidade da revista.

PLOS ONE muda processo de publicação para reduzir número de correções

A revista científica *PLOS ONE* anunciou que irá publicar correções em mais de mil artigos nos próximos meses. David Knutson, chefe de comunicações do periódico, explicou ao site Retraction Watch que as retificações se referem a erros de grafia do nome dos autores ou de suas afiliações, equívocos em referências ou em declarações de disponibilidade de dados, que ele classifica como “questões menores”. Essas correções ficaram represadas nos últimos dois anos, porque a revista optou por mobilizar seu pessoal para outras tarefas consideradas prioritárias.

A profusão de pequenos descuidos é resultado de uma fragilidade em seus processos internos. Classificada como um *mega-journal*, um tipo de periódico que divulga milhares de artigos por mês em acesso aberto na internet, a *PLOS ONE* sempre dispensou uma etapa no fluxo de publicação chamada “prova do autor”, em que os pesquisadores responsáveis pelo *paper* têm a chance de ver a versão final do trabalho e detectar a existência de pequenos equívocos, antes que ela seja disponibilizada para os leitores.

Agora, a revista decidiu reavaliar esse processo simplificado e anunciou que estabelecerá nos próximos meses a prova do autor, a fim de garantir que os *papers* sejam veiculados com o mínimo possível de erros. “Para um *mega-journal* como a *PLOS ONE*, essa não é uma decisão trivial, dado o volume de artigos, os recursos necessários para apoiar esse novo serviço e os impactos da etapa extra no tempo de publicação”, explicou David Knutson.

CONTEÚDO EXTRA

Conhece a nossa newsletter de integridade científica?



Entre no QR Code para assinar nossas newsletters

